

CM

Comunidade em Movimento

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Rainho, O.Carm. -- ANO VI -- II Série -- Nº. 45 -- Fevereiro de 2000

EDITORIAL

Durante dois dias, no final de Janeiro, os sacerdotes do Patriarcado de Lisboa reuniram-se à volta do seu Bispo celebrando o primeiro momento da sua Assembleia Jubilar. Foi um momento importante na vida desta diocese e uma experiência profunda de alegria e comunhão de todos nós que lá estivemos.

Da reflexão desses dias guardo sobretudo os testemunhos de vida do nosso bispo e dos diversos sacerdotes das mais diversas idades e proveniências que partilharam as suas experiências e vivências que reflectem a vida da maioria dos sacerdotes que nos dedicamos ao trabalho paroquial. Nestas partilhas saliento acima de tudo o testemunho da alegria e fidelidade com que é vivida a vocação sacerdotal, mais do que a referência às dificuldades inerentes ao serviço que prestamos no meio do povo.

Por outro lado reflectiu-se sobre a renovação da organização da própria diocese e o abrir de novas perspectivas pastorais face às diferentes realidades que caracterizam esta mesma diocese. É um desafio e uma reflexão que será aprofundada e estudada até ao segundo momento desta Assembleia que se realizará em Maio.

São momentos como estes que nos fortalecem e nos entusiasмам a continuarmos a nossa missão e nosso serviço nesta Igreja e nesta Diocese de Lisboa e que nos levam a dizer e a testemunhar que vale a pena ser padre, que vale a pena continuar a colaborar com Jesus Cristo na construção do Reino.

Pe. Ricardo Rainho, O. Carm.

Homilia do Senhor Patriarca de Lisboa

na

ORDENAÇÃO EPISCOPAL DE D. MANUEL CLEMENTE

No passado dia 22 de Janeiro, D. Manuel Clemente foi ordenado Bispo Auxiliar da Diocese de Lisboa. A cerimónia foi um momento de festa e de comunhão de toda a Igreja com a presença de 30 bispos, 400 padres e 2000 pessoas. Da homilia proferida pelo Bispo ordenante, o nosso Patriarca, transcrevemos alguns excertos pela sua importância e actualidade.

[...] Tal como Cristo e os primeiros Apóstolos, o Bispo é enviado a con-

solar; todo o seu ministério é sacramento da bondade e da ternura de Deus e do amor com que Cristo ama a Igreja. Os homens, nossos contemporâneos, precisam de sentir que a Igreja os ama, nas suas buscas, nos seus problemas, nos seus anseios e dramas. Mais do que qualquer outro cristão, O Bispo encarna a solicitude da Igreja pela humanidade.

[...] Esta solicitude de bom pastor, situa o Bispo na primeira linha da solicitude da Igreja pela cidade dos homens. Embora a primeira obrigação do Bispo seja a de presidir à comunidade cristã, guiando-a na fé e na comunhão da caridade, ele encarna sempre a solicitude da Igreja por toda a comunidade humana. E é aí, mais do que em qualquer outra circunstância, que a sua conduta se pauta apenas pelo desejo de servir, sem se confundir nem aliar a nenhum poder deste mundo, embora respeitando a dignidade e o lugar específico dos poderes profanos, também eles ao serviço da mesma comunidade dos homens.

Ao longo dos séculos não tem sido, nem simples, nem fácil, equacionar harmonicamente, a presença da Igreja na sociedade e a relação da Igreja com os outros poderes, ao serviço dessa mesma sociedade. As dificuldades e tensões que daí advêm, constituem, tantas vezes, algumas das nossas atribulações. A clara separação dos poderes, na sua natureza, na sua identidade específica, na sua maneira de servir, constitui uma etapa importante para a harmonia da sociedade, não a privando de nenhum dos bens que cada um desses poderes, político, económico, cultural e espiritual, lhes pode proporcionar. Foi esta clara distinção dos poderes e da maneira de servir, que levou à consciência da laicidade do Estado, que não depende, nem se confunde, com nenhum dos outros poderes, antes deve garantir a todos o justo âmbito da sua expressão, para garantia do bem comum. A laicidade do Estado não pode ser concebida como afirmação contra ninguém, nem exclusão de dimensões justas e constitutivas da comunidade humana, como o é a religião e a fé, que não podem ser relegadas para o estreito campo da intimidade individual, pois por dinamismo próprio exprimem-se em comunidade e ganham visibilidade institucional na sociedade. A laicidade do Estado não acarreta consigo a laicidade da sociedade: esta é, por natureza, plural e complexa, rica em variadas expressões, entre as quais avultam as expressões religiosas. O Estado moderno, antes de ser laico, é democrático; e são as exigências da conveniência democrática que lhe ditam a afirmação da sua isenção, mas também do seu serviço da sociedade como um todo. A Igreja respeita a laicidade do Estado; o ponto de referência da sua missão é a sociedade, mas espera do Estado democrático o reconhecimento da sua visibilidade institucional na sociedade, a qualidade do seu serviço múltiplo à comunidade humana, que o Estado pode apoiar, sem atraí-lo a sua laicidade.

Meu caro D. Manuel. Para a exigência deste ministério humilde e corajoso, a Igreja espera muito de ti. A tua fé arraigada na Palavra e solidificada na cultura, o teu conhecimento da história, o teu espírito aberto e dialogante muito contribuirão para que a Igreja continue a encontrar os caminhos da missão, num novo milénio que quase encetas com o início do teu ministério episcopal, que pedimos a Deus, por intercessão de Maria e do Mártir S. Vicente, seja longo e fecundo. Que as atribulações não te assustem, pois elas continuam, ainda hoje, a ser fonte da nossa consolação.

† JOSÉ, Patriarca de Lisboa

Aconteceu... Vai acontecer

"DIÁCONO: UM MINISTÉRIO PARA O SERVIÇO À COMUNIDADE"

A vocação ao sacerdócio ministerial é um dom de Deus que exige do homem uma sólida e progressiva preparação. Esta preparação resulta de uma caminhada de vários anos, em sucessivas etapas, na qual o vocacionado vai desenvolvendo a sua personalidade e capacidades com a ajuda de Deus e de outras pessoas.

Uma daquelas etapas é o diaconado. Trata-se do primeiro grau do Sacramento da Ordem. Exige um maior compromisso, responsabilidade e empenho, já que se recebe pouco antes da ordenação sacerdotal e envolve já uma missão especial dentro da Igreja.

No passado dia 30 de Janeiro, quis Deus, por meio do reverendo bispo D. José Alves, que eu recebesse este ministério. Tratou-se de um momento solene da minha vida, da vida desta comunidade paroquial, da vida da minha família, da vida da Ordem do Carmo, da vida da minha terra natal, da vida da Igreja.

Esta nova missão que me foi confiada exige de uma maior dedicação no serviço aos outros, sobretudo na Liturgia e na Caridade. Aliás, a própria palavra *ministério* significa ser útil num servi-

ço orientado para o bem dos outros. Creio que com a força que Deus me concede e com a colaboração daqueles que me rodeiam poderei ser um sinal desse bem que é imagem do próprio Deus.

A festa da minha ordenação diaconal é um exemplo dessa colaboração que encontro ao meu redor. O apoio que senti significa que Deus me acompanha nesta missão. Ele escolheu uma série de pessoas para me demonstrar isso mesmo. É a essas pessoas, a todas elas que digo um sincero OBRIGADO! Talvez seja pouco para agradecer tanto trabalho e generosidade. Contudo, manifesta um profundo sentimento de gratidão que sinto no mais profundo do coração e para o qual não encontro mais palavras. Sei que Deus também lhes agradecerá porque O senti presente em todas elas. Cada uma sabe como ajudou e como foi importante para que tudo corresse da forma perfeita como correu. Nunca esquecerei aquele dia. MUITO OBRIGADO! Contem comigo!

Frei Agostinho Marques de Castro, O. Carm

DIA PAROQUIAL DO DOENTE E DO IDOSO

No dia 20 de Fevereiro realiza-se na nossa Paróquia "O Dia Paroquial do Doente e do Idoso".

A festa é deies. Esta começará com o acolhimento aos doentes e idosos pelas 10,30 horas, a que se seguirá a missa dominical e um almoço de convívio cerca das 13 horas.

Às 15 horas, no salão do Centro Cultural e Social haverá uma festa de convívio que terminará às 17 horas.

Os interessados em participar neste Dia Paroquial deverão inscrever-se até ao próximo dia 18 na Secretaria da Igreja, de segunda a sexta-feira das 10 às 13 horas e das 15 às 19,30 horas ou pelo telefone 219884366, devendo informar se possuem ou não transporte.

Caso não tenham transporte, uma equipa de voluntários ao serviço da Paróquia irá buscá-lo a sua casa, assim como o levará de regresso.

ASSEMBLEIA JUBILAR DO PRESBITÉRIO DE LISBOA

- COMUNICADO FINAL -

1. Reunidos em Fátima com o Senhor Patriarca e os Bispos auxiliares, os padres de Lisboa celebraram nos dias 24 e 25 de Janeiro a primeira sessão da sua Assembleia Jubilar. O Patriarca de Lisboa confiou à Assembleia a reflexão sobre dois grandes temas: "A vida e a vocação dos sacerdotes" (com uma particular incidência na pastoral das vocações) e "A reorganização pastoral da diocese".

2. Convocada pelo Patriarca de Lisboa, a Assembleia foi preparada pelos sacerdotes desde o Conselho Presbiteral de Outubro, teve este primeiro momento, em que participaram 260 padres, e concluiu-se a 17 e 18 de Maio, com um novo encontro em Fátima e a solene Concelebração do Jubileu dos Sacerdotes, no Mosteiro dos Jerónimos.

3. Iniciada com uma comunicação do Senhor Patriarca, sobre a Vida e a Vocação dos presbíteros, prosseguiu com o testemunho de alguns padres, de diferentes gerações e experiências, e com a reflexão de todos os participantes, divididos em grupos. Formulados os resultados desse trabalho na forma de perguntas, o Senhor Patriarca reflectiu depois, durante a manhã de terça-feira, sobre as questões levantadas pelos participantes.

4. Três intervenções sobre a reorganização pastoral da diocese, confiadas a três párocos de zonas e gerações diferentes, abriram os trabalhos para a segunda parte e desafiaram a uma reflexão que se fará até Maio, quando se concluir a Assembleia.

5. A Assembleia decorreu em ambiente de fé, de unidade e de festa. Olhando com realismo a situação do presbítero e da pastoral diocesana, as intervenções centraram-se, por um lado, no reforço das motivações pessoais e do enquadramento comunitário da acção apostólica dos sacerdotes e, por outro, no conhecimento e integração das condicionantes socioculturais da vida da Igreja.

6. Especialmente importantes, que comoveram e entusiasmaram todos os presentes, foram os momentos de oração e de celebração. Vividos em comunhão com todas as comunidades que ficaram a rezar pelos seus padres, e com todos os sacerdotes que, não podendo estar presente por motivos de saúde ou de idade, se uniram a este encontro e nele foram recordados, estes foram os pontos altos de toda a comunhão experimentada.

ATENDIMENTO: Pe. Ricardo (Pároco) ➔ (3ª a Sáb: 10/12 - 16/18 h) Pe. António ➔ (4ª a 6ª: 16/18 h)
SECRETARIA: ➔ (3ª a 6ª: 10.00/13.00 - 15.00/19.30 h) (Sáb.: 09.30/13.00 - 15.00/19.30 h) (Dom.: das 10.00/13.00 - 17.00/19.30 h)

MISSAS: Sto. Ant. Cavaleiros ➔ (3ª a Sáb: 18.30 h) (Dom.: 09.00, 10.15 (*1), 11.30 e 18.30 h)
Torres da Bela Vista ➔ Sábados: 17.00 h (*1) Paróquia de S. Julião de Frietas ➔ Domingos: 10.00 h

CONFISSÕES (*2): Pe. Ricardo (Pároco) ➔ (4ª e 6ª: 17.30 h) Pe. António ➔ (5ª: 17.30 h) (Sáb.: 17.30 h)

BAPTISMOS: Atendimento ou Preparação (*3): Pe. Ricardo (Pároco) ou Pe. António ➔ 3ª: 21.30 h

CASAMENTOS: Atendimento: Pe. António ➔ 4ª: 21.30 h Preparação (*4): Equipas CPM

Celebração: Domingos: 12.30 h
Celebração (*5): Sábados

Notas: (*1) - Não serão celebradas durante os meses de Julho, Agosto e Setembro. (*2) - Nos Domingos do Advento e Quaresma haverá CONFISSÕES aos Domingos das 17.30 às 18.30 horas. - Fora destes horários os Padres podem ser solicitados na Secretaria, se estiverem disponíveis. (*3) - O primeiro atendimento aos pais das crianças a baptizar pode ser feito nas horas de atendimento do Pároco ou do P. António. (*4) - As datas dos Encontros de Preparação estão calendarizadas. Haverá encontros de 2 e 4 sessões. (*5) - A celebração do Casamento será, aos sábados de manhã.

A CATEQUESE tem programa e horários próprios.

JUBILEU 2000

A purificação da memória é de toda a actualidade. É uma questão difícil no plano internacional, mas também no plano interpessoal. Está na encruzilhada da exigência da verdade e do apelo à reconciliação.

A PURIFICAÇÃO DA MEMÓRIA

Uma questão de uma dolorosa actualidade

A verdade é muitas vezes obscurecida por mitos e por fantasmas, por tabus e por denegações.

A ponte entre a verdade e a reconciliação é o arrependimento que é acompanhado, tanto quanto possível, de uma reparação.

Explorar o passado faz sofrer a gente. As vítimas e os culpados: Ruanda, Chile, África do Sul, Balcãs, noticiários judiciais, dramas familiares...

Este sofrimento deve ser considerado como as dores de parto para se chegar a relações mais fraternas. Isto só é possível quando o homem se torna mais humilde, mais verdadeiro e, portanto, mais sereno.

Há períodos de grande oportunidade para a memória: o dos grandes processos a seguir à guerras ou aos regimes de opressão, o das terapias a seguir aos conflitos. As sequelas obrigam-nos a recordar.

O Jubileu, um sobressalto de memória

A celebração do Jubileu do nascimento de Cristo, e do que esse nascimento trouxe de novo à nossa história e às relações, é um acto de memória. À luz da encarnação, reconhecemos também os nossos desvios e as nossas complicitades com as forças de divisão e das trevas.

Na sua "guia de marcha" para a preparação do Jubileu, João Paulo II convida a Igreja a assumir a sua história: as suas luzes e as suas sombras.

As suas luzes são os inúmeros testemunhos de vida, pessoal e comunitária, de acordo com o espírito das Bem-aventuranças; os exemplos de caridade audaciosa, radical e inventiva que estiveram muitas vezes na origem de instituições ao serviço dos mais necessitados; os concílios, em particular os horizontes pastorais abertos pelo Vaticano II, tanto no mundo como no interior da Igreja. E, finalmente, o testemunho dos mártires, nomeadamente dos do nosso tempo, em quem se conjugam o horror e o sublime, a loucura e a sabedoria, a abundância do pecado e a superabundância da graça.

As sombras são todas as formas de contratestemunho e de escândalo provocadas pelos baptizados.

Que é a memória?

Uma realidade complexa. Quando está ferida, é como um diabo dentro de uma caixa. Impõe-se-nos. Umhas vezes, dorme como um animal escondido no coração do homem. Outras vezes, acorda, morde, e a alma sangra.

A memória humana não é puro registo nem apagamento mecânico. Também não é puro instinto. Deve ser cultivada e gerida. Exige ser alimentada, corrigida e purificada. É magnetizada pela verdade, questionada pela fraternidade. Está sempre em diálogo. Efectivamente, qualquer homem ouve a "voz" da consciência. O crente, esse lembra-se de Deus e bendi-O por Ele Se lembrar de nós. Esta recordação recíproca é consequência do facto de acontecimentos comuns nos terem ligado um ao outro: a Criação, as Alianças, uma vocação... A recordação destes acontecimentos renova essa relação. Prolonga no presente a eficácia do passado.

O drama do esquecimento

Por vezes, o coração está tão inquieto que organiza o esquecimento da sua consciência, da ofensa, do outro, de Deus. A memória ferida é caótica, selectiva, defensiva, deformada e deformadora. É-o pelo pecado de outrem, mas também pelo nosso próprio pecado. Torna-se então narcisista, ruminante e instintivamente, inconscientemente ou não, organiza as recordações e os esquecimentos em função do eu ferido, a ponto de modelar um passado mais aceitável com vista a um presente mais suportável. Temporariamente pelo menos. É que a memória deformada prega partidas. E ninguém, nem indivíduos nem colectividades, está livre dessas reviravoltas

Porquê arrependermos-nos do passado, mesmo longínquo?

De facto, as sequelas dos dramas do passado (divisões da Igreja, cruzadas, inquisição, escravatura, conquistas, shoah...) continuam presentes. As divisões actuais trazem ao de cima as da história: os rancores, as desconfianças entre os povos e entre os crentes de diferentes religiões, a má distribuição dos bens e das terras, os desequilíbrios sociais e políticos, a descrença e o ateísmo. São heranças do comportamento pouco evangélico de alguns dos nossos antecessores.

Entre os habitantes da memória, há os traumatismos do passado muitas vezes mediatizados. Mas há também os tabus que, como aves

nocturnas, povoam as nossas grutas: são as vítimas, que continuam a sofrer em silêncio, a manter uma atitude discreta, ou os opressores, e os seus herdeiros.

Nesses lugares de memória (campos de deportação de escravos, de judeus... lugares de resistência ao invasor ou ao opressor), vêem-se surgir cada vez mais pedidos de perdão a Deus e aos descendentes das vítimas (escravos, judeus, negros, protestantes...) porque para sermos perdoados precisamos de Deus e dos irmãos. Eles não nos podem perdoar silêncios seculares.

Os "mea culpa" de João Paulo II

Conta-se uma centena de tomadas de posição em que João Paulo II corrige um juízo da Igreja e reconhece uma responsabilidade por erros históricos. Para uma instituição milenar como é a Igreja, a "revisão" da sua história é uma chave de leitura para o seu futuro. Já João XXIII tinha revisto e corrigido a posição da Igreja relativamente aos judeus e aos muçulmanos e Paulo VI em relação aos irmãos separados, abrindo assim as portas ao diálogo inter-religioso e ecuménico. Com João Paulo II, passa-se, por assim dizer, à confissão geral, com uma atenção particular aos erros que violam a verdade e a justiça.

Memória e verdade histórica e teológica

A humilhação leva, por vezes, a sobrecarregar a memória sem ter em conta a verdade: exageros, fantasmas elevados à categoria de mito, denegações e procura de alibis e de justificações. Uma memória falsamente sobrecarregada é tão nociva quanto uma memória vazia. É por isso que a investigação científica e interdisciplinar é indispensável para levar as coisas à sua justa proporção, sobretudo para os sujeitos passionais.

A Comissão Teológica e Histórica preparatória do Jubileu organizou dois colóquios científicos sobre o estudo dos preconceitos e dos juízos pseudoteológicos que levaram à inquisição e ao antijudaísmo. Com efeito, nada é mais tenaz e mais perverso do que o preconceito que justifica, pela Bíblia e pela vontade de Deus, actos e juízos insustentáveis. Os resultados desses trabalhos permitem à Igreja ver como poderia ou deveria manifestar o seu arrependimento relativamente a estas questões na Quarta-feira de Cinzas do ano 2000.

Da História às nossas histórias

Os "grandes perdões" solenes não devem dispensar-nos de perdões vulgares em relação aos nossos próximos. É muitas vezes por eles que nós somos atingidos no mais íntimo de nós próprios: infidelidades, ciúmes, maledicências, querelas provocadas por heranças, susceptibilidades feridas dia após dia...

Há feridas que são transmitidas de geração em geração, e famílias que passam o tempo a evitar-se. São a longínqua herança das lutas tribais. É agora o momento favorável para dar um primeiro passo em direcção ao outro para fazer, com Deus, "novas todas as coisas".

Da purificação à anamnese

Entre os habitantes do país da memória não há só fantasmas. Há também anjos, há "Gabrieis". Hoje como ontem, dizem-nos: "O Senhor está contigo". É toda a história da salvação. Comemoramo-la alegremente nos salmos, meditamo-la na Escritura, celebramo-la nos sacramentos e continuamo-la no quotidiano.

O memorial da Páscoa e o da Eucaristia não são meras recordações. Tornamo-nos presentes ao acontecimento passado a fim de com ele conformarmos as nossas vidas, e, no sacramento, o acontecimento toma-se-nos presente.

João Paulo II convida-nos ainda a olhar "com gratidão" a intervenção do Espírito de Deus nos acontecimentos eclesiais deste milénio. Entre estes, o Concílio Vaticano II aparece como eminentemente providencial. A melhor maneira de fazer memória dele é renovar o compromisso de cada um a aplicá-lo na sua própria vida. Somos convidados a considerar todos os esforços e progressos pastorais que já nos permitem "jubilar" (n.º 17 a 28). Temos, certamente, a memória mais curta para as maravilhas operadas por Deus na Igreja, sobretudo nestes últimos tempos, do que para os deslizes, infinitamente mais mediáticos. Rer estes acontecimentos é também uma maneira de corrigirmos a nossa memória. E é tónico!

Cardeal Godfried Danneels
Arcebispo de Malines - Bruxelas - Bélgica

LITURGIA DA PALAVRA

2 de Fevereiro – APRESENTAÇÃO DO SENHOR - Festa

" O Senhor do Universo, é Ele o Rei da Glória! "
" Luz para se revelar às nações e glória de Israel, Vosso povo. "

1ª Leitura: Mal 3, 1 – 4

Sl: 23

Evangelho: Lc 2, 22 – 40

4 de Fevereiro – S. JOAO DE BRITO, Presbítero e Mártir - MO

" Feliz aquele cuja iniquidade foi perdoada, cujo pecado foi absolvido. "

1ª Leitura: Sir 47, 2 – 13

Sl: 17

Evangelho: Mc 6, 14 – 29

6 de Fevereiro – V DOMINGO DO TEMPO COMUM

" Louvai o Senhor que salva os corações dilacerados. "
" Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e carregou com as nossas doenças. "

1ª Leitura: Job 7, 1 – 4 . 6 – 7

Sl: 146

2ª Leitura: 1 Cor 9, 16 – 19, 22 - 23

Evangelho: Mc 1, 29 – 39

7 de Fevereiro – CINCO CHAGAS DO SENHOR

" Trespasaram as Minhas mãos e os Meus pés, e posso contar todos os meus ossos. "

1ª Leitura: Is 53, 1 – 10

Sl: 21

Evangelho: Jo 19, 28 – 37

13 de Fevereiro – VI DOMINGO DO TEMPO COMUM

" Sois para mim, refúgio, Vós me envolveis na alegria da salvação! "
" Um grande Profeta apareceu no meio de nós; Deus visitou o Seu povo "

1ª Leitura: Lev 13, 1 – 2, 44 – 46

Sl: 31

2ª Leitura: 1 Cor 10, 31; 11, 1

Evangelho: Mc 1, 40 – 45

20 de Fevereiro – VII DOMINGO DO TEMPO COMUM

" Salvai, Senhor, a minha alma, pois contra Vós eu pequei! "
" O Senhor enviou-Me a anunciar a Boa-Nova aos pobres, a proclamar a libertação dos cativos. "

1ª Leitura: Is 43, 18 – 19 . 21 – 22 . 24 – 25

Sl: 40

2ª Leitura: 2 Cor 1, 18 – 22

Evangelho: Mc 2, 1 – 12

22 de Fevereiro – CADEIRA DE S. PEDRO, Apóstolo - Festa

" O Senhor é meu Pastor: nada me falta. "

1ª Leitura: 1 Pe 5, 1 – 4

Sl: 22

Evangelho: Mt 16, 13 – 19

27 de Fevereiro – VIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

" Senhor, sois um Deus clemente e compassivo. "
" O Pai quis trazer-nos à vida pela palavra da verdade, para sermos como que as primeiras das Suas criaturas "

1ª Leitura: Os 2, 16 . 17 . 21 – 22

Sl: 102

2ª Leitura: 2 Cor 3, 1 – 6

Evangelho: Mc 2, 18 – 22

AGENDA

FEVEREIRO

1 – Terça-feira

Reunião de Vigários

3 – Quinta-feira

Reunião Secretariado de Acção Pastoral (21,30 h)

4 – Sexta-feira

Adoração do Santíssimo - Catequistas (21,30 h)

6 – V DOMINGO DO TEMPO COMUM

7 – Segunda-feira

Escola de Leigos (21,15 h)

8 – Terça-feira

Centro de Preparação para o Baptismo (21,30 h)

9 – Quarta-feira

Reunião de Pais das crianças dos III, IV, V e VI Catecismo

10 – Quinta-feira

Ulteria dos Cursilhos de Cristandade (21,30 h)

13 – VI DOMINGO DO TEMPO COMUM

Jornada Vicarial da Catequese (15,00 h)

Reunião do I.E. (19,30 h)

14 – Segunda-feira

Escola de Leigos (21,15 h)

15 – Terça-feira

Reunião da Vigararia

Centro de Preparação para o Baptismo (21,30 h)

19 – Sábado

Assembleia Geral Conf. N.ª. S.ª. do Carmo (16,30 h)

20 – VII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Dia Paroquial do Doente e do Idoso (11,30 h)

21 – Segunda-feira

Escola de Leigos (21,15 h)

23 – Quarta-feira

Reunião Sec. Permanente Cons. Pastoral (21,30h)

24 – Quinta-feira

Ulteria dos Cursilhos de Cristandade (21,30 h)

27 – VIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Festa do Pai Nosso - I Catecismo (10,15 h)

28 – Segunda-feira

Escola de Leigos (21,15 h)

29 – Terça-feira

Reunião de Vigários



Comunidade em Movimento DESAFIA-TE

A CRESCER INTERIORMENTE PARA DEUS, COM O IDOSO E O DOENTE E A APRENDER A VENCER A DOR NA ALEGRIA!

Coordenação: Frei Agostinho de Castro, Abílio Casaleiro, Altamiro Figueira, Artur Morão, Hugo Abreu. Colaboradores permanentes: Luís Figueiredo, Manuel Carvalho, Rosa Churro

Impressão: Barata & Paula, Lda Tiragem: 1000 Exemplares

Propriedade: FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE STO. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - Av. Francisco Pacheco - 2670 SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - Tel. 988 43 66

E-mail: comunidade.movimento@mail.pt

INTERNET: www.paroquia-sac.web.pt

JUBILEU 2000 - "Alegrai-vos: Nasceu Jesus, O Salvador"